

O COLÉGIO DOS JESUÍTAS NA BAHIA: CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES

RACHEL SILVEIRA WREGE

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – FCT – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Departamento de Educação
E-mail: wrege@fct.unesp.br/rachelsw72@terra.com.br

O Colégio da Bahia passou, em seu desenvolvimento, por dois momentos. O primeiro deles, logo no início até 1556 caracterizou-se pela presença de sete meninos órfãos vindos de Lisboa. Foi através da chegada dos mesmos que o Colégio da Bahia veio a ser denominado de Colégio dos Meninos de Jesus.¹

Com a retirada dos meninos órfãos do Colégio, porque a legislação da Companhia de Jesus não permitia a permanência deles em estabelecimentos de ensino, o mesmo passa a ser chamado simplesmente de Colégio de Jesus.²

Ao destacar-se a respectiva instituição de ensino, pelos seus cursos superiores de Filosofia e Teologia, houve a tentativa, no século XVII de elevá-la a Universidade.³

Este período constitui o segundo momento do Colégio da Bahia, quando recebia a menção de Real Colégio da Bahia ou das Artes.

Como muito bem afirma Luiz Alves de Mattos, antes mesmo de ser fundada a cidade, já em 1549 começa a haver ensino elementar nesse local, por parte dos jesuítas. Sendo assim:⁴

...abriram os jesuítas a primeira escola de ler e escrever...
Funcionou essa escola no Arraial do Pereira, ainda antes de fundada a cidade da Bahia. Fundada esta pouco depois por Tomé de Sousa, para aí se transferiu a escola.

¹ Serafim LEITE, História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo I, p. 36.

² Cf. Op. cit., t. I, p. 42-44.

³ Tito Lívio FERREIRA, História da Educação Lusobrasileira. p. 88-91.

⁴ Luiz Alves de MATTOS, Primórdios da Educação no Brasil. p. 45. Ver também em Tito Lívio FERREIRA, Op. cit., p. 84.

Os jesuítas, ao abrirem primeiramente na Bahia, o ensino da leitura e da escrita pensaram em atingir crianças e adolescentes. Isto porque ambas as fases do desenvolvimento biopsíquico já eram de conhecimento dos padres de serem facilmente influenciáveis. Além dessa facilidade, pretendia ao darem instrução para os períodos infância e adolescência que por seu intermédio houvesse a divulgação dos valores e crenças da Companhia para os pais e pessoas idosas ligadas aos pequeninos.⁵

Mesmo a Bahia sendo a capital do Estado do Brasil, não tinha condições de sustentar os primeiros padres que vieram para trabalhar no Colégio. Nela, estava, segundo Serafim Leite, tudo por fazer, pois, ainda não existiam trabalhadores e escravos suficientes. Consequentemente a esta situação, os jesuítas receberam somente uma sesmaria para ali se dar o seu sustento, com o agravo de lhes ser mandado a cada um apenas um cruzado por mês da Coroa Portuguesa.⁶

Na terra que foi doada aos jesuítas por Tomé de Sousa, Governador-Geral do Brasil, iniciaram-se a criação de gado e outros cultivos. O cuidado era feito por índios, jesuítas e escravos, segundo nos atesta Luiz Alves de Mattos.⁷

“Os meninos órfãos de Lisboa”, além dos que já estavam presentes – desde a chegada dos primeiros jesuítas no Brasil – ao virem para o Colégio da Bahia em 1551, reforçaram-no, pois, este passou a ter nome, ou seja, recebeu o título de Colégio dos Meninos de Jesus. Também, a dada instituição de ensino, através da sociabilidade desses meninos, cativava grande número de alunos para estudar em sua escola. Por isso é que o Colégio da Bahia tornou-se o maior centro de instrução da Colônia no século XVI, assim escreve Serafim Leite.⁸

⁵ Ibid., p. 31.

⁶ Ibid., p. 32-34.

⁷ Op.cit., p. 48.

⁸ Op. cit., t. I, p.36. Luiz Alves de MATTOS, Op. cit., p. 50-52.

Funcionando inicialmente como externato, o Colégio dos Meninos de Jesus, com os meninos orfãos, passou para o regime de internato, abrigando-os em suas próprias dependências. Apesar das contribuições desses meninos para atrair crianças para o ensino e a catequese jesuítas, a situação dos padres no Brasil só veio a tornar-se alarmante em termos econômicos porque as suas despesas se viram aumentadas devido aos orfãos, mesmo estando eles residindo no Colégio.⁹

Com o fim de amenizar esse problema, Tomé de Sousa providencia o subsídio de sapatos e panos para camisas. Os meninos começam a ter o direito de posse de bens por meio da criação da Confraria dos Meninos de Jesus, entidade jurídica. As esmolas também faziam parte da manutenção dos mesmos, além de terem acesso à alimentação colhida na sesmaria onde os padres jesuítas tiravam a sua subsistência.¹⁰

Mas, depois de assegurada a manutenção dos meninos órfãos, D. Pedro Fernandes Sardinha, sendo nomeado bispo da Ordem Jesuítica no Brasil, em visita feita ao Colégio dos Meninos de Jesus na Bahia impõe o seu fechamento. Dois foram os motivos que o levaram a isto. O motivo mais forte residiu no fato dos orfãos de Lisboa terem formado uma Confraria. Enquanto tal, esta era possuidora de bens. Todavia, em obediência aos votos de pobreza, de acordo com Santo Inácio, os jesuítas não tinham a permissão de serem donos de terras. Portanto, não podiam acolher meninos orfãos com tal direito. Uma segunda razão menos importante para a supressão do Colégio dos Meninos foi a fuga de alguns de seus alunos para se envolverem com as índias que viviam perto do local desta instituição.¹¹

Foi desta maneira que o Colégio dos Meninos de Jesus teve as suas portas fechadas em 1556, passando a tornar-se canônico, ou

⁹ Op. cit., t. I, p. 34. Luiz Alves de MATTOS, Op.cit., p. 47.

¹⁰ Luiz Alves de MATTOS, Op. cit., p. 47-48.

¹¹ Serafim LEITE, Op. cit., t. I, p. 38-39.

seja, conforme o estatuto de Colégio determinado pela Companhia de Jesus. Por conseguinte, seu nome foi modificado para Colégio de Jesus.¹²

É imprescindível destacar que o Colégio dos Meninos de Jesus quando da sua existência foi construído todo em taipa no ano de 1551. As moradias dos padres foram, entretanto, construídas de barro por serem mais resistentes, sendo chamadas de Terreiro de Jesus.¹³

Quanto ao alunado, o Colégio era frequentado pelos meninos orfãos, por índios, mamelucos e por alunos externos, geralmente, filhos de colonos. Como esta instituição não podia encarregar-se de muitos meninos, a seleção desses era feita por meio de suas habilidades. De acordo com Luiz Alves de Mattos o Colégio dos Meninos de Jesus nunca teve mais do que vinte e cinco alunos internos.¹⁴

Sendo esta escola de ensino elementar, os seus educandos aprendiam, sobretudo, a ler e escrever. Como não podia deixar de acontecer havia aulas também de doutrina cristã, e praticavam-se natação e pesca nas horas vagas. Além do ensino elementar, constata-se a existência de aulas de latim dadas pelo reitor do Colégio, António Blasques, em 1553.¹⁵

Quatro foram os professores responsáveis pela instrução na Bahia neste primeiro período do Colégio, a saber: Vicente Rodrigues (1549-50), Salvador Rodrigues (1550-53), António Blasques (1553) e João Gonçalves (1553-56). Cabia-lhes a incumbência também de dirigir a instituição.¹⁶

Após 1556 as atividades do Colégio viram-se encerradas; nesta data permaneceu funcionando, em caráter precário, a escola de ler e escrever. Os orfãos, obrigados a se afastarem da Companhia

¹² Ibid., p. 42-44.

¹³ Ibid., p. 47-48.

¹⁴ Op. cit., p. 51.

¹⁵ Ibid., p. 52-54.

¹⁶ Ibid., p. 54-55.

ou a ingressarem nela como jesuítas, optaram na sua maioria por pertencer à Ordem Jesuítica. No dizer de Serafim leite:

Os órfãos, exceto dois ou três, que por mal dispostos, pareceu a Nóbrega ser melhor restituí-los a Portugal, os mais dedicaram-se a ofícios ou a estudos.¹⁷

Alguns destes alunos mais adiantados eram órfãos e entraram na Companhia.¹⁸

Com a elevação do antigo colégio para canônico, o colégio novo só foi fundado em 1590, isto porque as instalações do Colégio dos Meninos de Jesus eram de taipa e como esta construção somente durava de dois a três anos, um novo prédio era necessário.¹⁹

Apesar do auxílio financeiro do Rei de Portugal concedido à construção do Colégio de Jesus, os materiais não chegaram logo. Além do mais houve dificuldades financeiras em algumas de suas etapas.²⁰

Enquanto o Colégio não ficou pronto os estudantes tiveram aula nas antigas dependências. Já os padres passaram a morar na igreja velha, uma vez que a nova só em 1572 começou a funcionar.²¹

Ao se preferir a constituição do Colégio de Jesus em forma de prédio, por causa de seu baixo custo, os jesuítas tiveram que escolher um plano arquitetônico para a sua elaboração. Dentre três vindos de Roma foi escolhido um que previa a construção da igreja ao lado do Colégio, tendo este:

quadra formosa, com boa capela, livraria, e alguns trinta cubículos; os mais deles teem a janela para o mar. O edificio é todo de pedra, e cal de ostra, que é tão boa como a de pedra de Portugal. Os cubículos são grandes, os portais de

¹⁷ Serafim LEITE, Op. cit., t. I, p. 44-45.

¹⁸ Ibid., p. 45.

¹⁹ Ibid., p. 48-49, 53.

²⁰ Ibid., p. 51-53.

²¹ Ibid., p. 51.

pedra, as portas de angelim, forradas de cedro; das janelas descobrimos grande parte da Baía e vemos os cardumes de peixes e baleias andar saltando na água, os navios estarem tão perto que quase ficam a fala.²²

No século XVII, havendo a necessidade de reforma no Colégio de Jesus foi-lhe introduzida uma farmácia em seu interior. No entanto, para sua maior comodidade e da dos seus fregueses esta passou no século XVIII para fora do Colégio. Acrescida da farmácia encontrava-se, no mesmo local, provavelmente, uma enfermaria que atendia os doentes da instituição.²³

A livraria, o que hoje se chama de biblioteca, constituía-se num importante lugar. Como escreve Serafim Leite “apesar de ser desfalcada na invasão e ocupação da Baía pelos holandeses em 1624, refez-se depois e na reconstrução do Colégio e Igreja destinou-se e docorou-se para ela um dos mais belos e suntuosos salões do Brasil...”²⁴ Começada a biblioteca já desde o antigo Colégio dos Meninos de Jesus em 1549, sofreu um desfalque por causa da invasão holandesa que atingiu a Bahia em 1624. Sendo reconstruída, em 1694 comportava cerca de três mil livros. Sendo avaliados, no seu fechamento em 5499 \$ 050 réis, permaneceram por longo tempo no abandono, sendo os livros roubados para a utilização de adubos ou destinados a particulares.²⁵

A correspondente biblioteca foi reaberta em 13 de maio de 1811 no Palácio do Governo. Mais tarde constituiu o fundo da Biblioteca Pública da Bahia. Atualmente (1945) o antigo salão da livraria do Colégio é Museu de Arte Sacra.²⁶

Na etapa final dos jesuítas em dado Colégio, este recebeu restauração de seu madeiramento, precisamente em 1740. Incluída

²² Ibid., p. 56.

²³ Op. cit., t. V, p. 88-89.

²⁴ Ibid., p. 92.

²⁵ Ibid., p. 92-93.

²⁶ Ibid., p. 94-95.

nisso estava a sua Casa de Hóspedes, responsável pela recepção de pessoas importantes como Mem de Sá.²⁷

No Real Colégio das Artes eram oferecidos, segundo Tito Lívio Ferreira, os cursos de: Primeiras Letras, Humanidades, Filosofia e Teologia conforme as determinações do “Plano de Estudos da Companhia de Jesus”. Serafim Leite vem completar este quadro referindo-se à criação da faculdade de Matemática no Colégio de Jesus no século XVIII.²⁸

No que se referia ao curso de Humanidades, este era subdividido em três etapas. Na primeira etapa os alunos aprendiam pela manhã com um professor “Construção e Composição” de prosas e versos. Na segunda fase, eram ensinados os conteúdos de sintaxe, sílabas e figuras de linguagem. Já num terceiro momento, os conteúdos eram nominativos, Linguagem, Rudimentos, Géneros e Pretéritos.²⁹

Na Teologia havia três professores, sendo que um ministrava aulas de Prima, o outro de Véspera e o terceiro de Moral. Esses três docentes ocupavam grande parte do tempo da manhã ou da tarde e, ainda se dedicavam fora do horário de aula para atender as indagações de seus alunos.³⁰

O Curso de Filosofia possuía somente um professor, que ministrava duas horas de aula no período da manhã e mais duas à tarde, com o acréscimo de mais meia hora para resolver dúvidas e perguntas do alunado. É significativo dizer que o número desses alunos decrescia à medida do desenrolar das aulas.³¹

Alem dos cursos citados acima, os alunos tinham escola de Algarismos ou de Aritmética a seu dispor, tornando-se, posteriormente, em Faculdade de Matemática como afirma Serafim Leite.³²

²⁷ Ibid., p. 95.

²⁸ Ibid., p. 69. Tito Lívio FERREIRA, Op. cit., p. 79.

²⁹ Serafim LEITE, Op. cit., t. V, p. 71.

³⁰ Ibid., p. 70.

³¹ Ibid., p. 70.

³² Ibid., p. 74.

Consta nos estudos feitos por este historiador que antes de 1680 o Colégio de Jesus da Bahia foi frequentado por mestiços ou mulatos, ou seja, ele era aberto de maneira igualitária a toda a população. Todavia, nessa data deixaram de entrar nas escolas jesuíticas por serem acusados de maus costumes e vandalismo, por parte dos pais dos alunos brancos.³³

O que se infere pelos documentos da época é que depois os moços pardos voltaram a ser aceitos nos colégios da Companhia, pois, era norma da Ordem em Portugal e, conseqüentemente no Brasil, o critério de idoneidade moral e não o de cor como estava acontecendo.³⁴

Pela presença de notáveis professores e reitores e também por seus cursos superiores oferecidos, o Real Colégio das Artes procurou se equivaler à Universidade de Évora em Portugal, ou seja, pretendeu tornar-se Universidade. Foi, então, que no século XVII, a Câmara Municipal de Salvador (eleita pelo povo) reivindicou a Coroa Portuguesa, a criação de uma universidade lusobrasileira. Porque embora fossem reconhecidas as faculdades da Colônia pela Universidade de Coimbra, não gozavam dos mesmos privilégios. Tito Lívio Ferreira escreve afirmando que os alunos brasileiros formados em Filosofia e Retórica no Brasil, somente tinham a validade em Coimbra do primeiro ano de seus cursos realizados aqui.³⁵

Por questões de ordem política a Universidade Lusobrasileira não foi criada. Coimbra detinha a hegemonia cultural das colônias portuguesas e não queria concorrência. Também, a Companhia de Jesus no Brasil tinha o único objetivo de formar sacerdotes e não era necessária a instalação de uma universidade para isso.³⁶

Em meio a outras atividades do Colégio de Jesus, ele alugava casas na própria capitania da Bahia, com fins de assegurar a sua

³³ Ibid., p.75.

³⁴ Ibid., p. 79.

³⁵ Ibid., p. 73, 80. Tito Lívio FERREIRA, Op. cit., p. 88-99.

³⁶ Ibid., p. 102.

manutenção e o padrão de ensino que oferecia. Sem a posse de terras os colégios não tinham condições de atuação: sendo o Brasil uma colônia agrícola, os colégios dependiam da lavoura para a sua manutenção, segundo Serafim Leite:

Estabelecido o princípio de que os Colégios podiam possuir bens, e verificada assim, pelo que tocava ao Brasil, a necessidade deles, principiaram a formar-se núcleos territoriais, (...), por algumas destas quatro vias: sesmaria, doação (...), herança, compra, às vezes, também, troca.³⁷

Coerentemente com a permissão da posse de bens para a Companhia de Jesus no Brasil por causa de suas particularidades, os jesuítas do Colégio de Jesus começaram a adquirir terras, diferentemente do antigo estabelecimento de ensino – os recolhimentos – quando tinham que cumprir o voto de pobreza. Vários foram os bens dos padres deste Colégio e, todos eram utilizados para o seu sustento.³⁸

Dentre as propriedades da respectiva instituição, a Quinta, do Tanque foi considerada importante. Sendo invariavelmente uma casa de campo para as férias dos estudantes, especificamente nos séculos XVII e XVIII, foi depois experimentação agrícola e recebeu o nome de Casa Suburbana de São Cristóvão, produzindo frutas e legumes para o Colégio.³⁹

A partir dessa descrição do Colégio de Jesus da Bahia percebe-se que o seu trabalho em termos de ensino sistematizado foi bastante intenso. Devido à expulsão dos jesuítas no século XVIII o dado estabelecimento foi fechado por tropas militares no dia 26 de dezembro de 1759. Seus padres foram, em janeiro de 1760, levados para o Noviciado de Giquitaia. Como não podia deixar de ser, a comunidade local se ressentiu bastante com o desterro dos padres do Colégio, de acordo com a interpretação de Serafim Leite.⁴⁰

³⁷ Op. cit., t. I, p. 150-151.

³⁸ Ibid., p. 151-171.

³⁹ Op.cit., t. V, p. 161-163.

⁴⁰ Ibid., p. 103-104. Tito Lívio FERREIRA, Op. cit., p. 138.

Referências bibliográficas

SERAFIM LEITE, S. I. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa & Rio de Janeiro: Livraria Portugália & Civilização Brasileira, tomos I-VII, 1938-1949.

FERREIRA, Tito Lívio. **História da Educação Lusobrasileira**. São Paulo: Saraiva, 1966.

MATTOS, Luiz Alves de. **Primórdios da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Aurora, 1958.